

Persépolis: uma percepção do eu a partir do olhar do outro

Vizette Priscila Seidel

Resumo: Este artigo analisa a história em quadrinhos *Persépolis* (2013), de Marjane Satrapi, a partir da noção da “viagem” como um espaço de descoberta do “eu” viajante. Ainda que não planejada, tal descoberta estaria fundamentada no encontro com o outro e a relação que se estabelece com ele e, assim, se reconhece. Aborda-se a definição da constituição do sujeito como um “eu” atravessado por múltiplas mediações do outro. Dessa maneira, a obra em questão nos traz o olhar da protagonista sobre seu crescimento emocional, físico e psicológico, que nos faz refletir sobre as questões culturais e pessoais de cada ser.

Palavras-chave: Persépolis, viagem, o outro.

Persepolis: a perception of the self from another's look

Abstract: This article analyzes the graphic novel *Persépolis* (2013), by Marjane Satrapi, based on the notion of “travel” as a discovery space for the travelling “I”. Although not planned, such a discovery would be based on the encounter with the other and the relationship established with him and, thus, is recognized. The definition of the constitution of the subject is approached as an “I” crossed by multiple mediations of the other. This way, the graphic novel gives us the protagonist's look on her emotional, physical and psychological growth, which makes us think on the cultural and personal issues of each being.

Keywords: Persépolis, travel, the other.

Vizette Priscila Seidel é doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPR.
E-mail: vizetteps@gmail.com

Autoficção como escolha para a narrativa da descoberta do “eu”

Em diferentes momentos históricos, as sociedades planejaram e empreenderam viagens com diversos objetivos. É importante situar cada viagem - ou conjunto de viagens - em sua relação direta com o contexto histórico ao qual está inserida. É também preciso pensar que tipo de viagem está sendo relatada. Sabemos que a partir do século XV, os Estados Nacionais financiaram grandes viagens marítimas, enviando exploradores, comerciantes, artistas e religiosos a regiões desconhecidas pelos europeus. Essas expedições tinham como alvo descobrir novos territórios e encontrar riquezas. Porém, há também outro tipo de viagem: a viagem forçada. Na qual as pessoas são obrigadas a se mudar de seu país ou cidade por causa de guerras ou catástrofes naturais.

Neste artigo discutiremos sobre a experiência da viagem forçada de Marji, a protagonista de *Persépolis* (2013), de Marjane Satrapi, que começou a publicar suas memórias na França em 2002. *Persépolis* foi publicado em 4 volumes no Brasil pela Companhia das Letras e em volume único como autobiografia em história em quadrinhos. *Persepólis* apresenta-nos como foi para Marji sair de seu país em guerra ainda muito jovem para morar na Áustria, deixando familiares e amigos para trás por causa do conflito e, dessa maneira, conviver com uma cultura muito diferente da sua. Nossa análise sobre essa trajetória está fundamentada no que diz Sonia Serrano: “(...) viajar é essencialmente descobrir, descobriremo-nos a nós e o reflexo das nossas vidas nas etapas da viagem, assim como descobrimos o outro sem o conforto das referências que nos são imediatas”

(SERRANO, 2014, p. 16-17). É esse sentido de descoberta sobre o “eu” da personagem que se relaciona com o outro que colabora para a compreensão da vivência que a nossa personagem nos apresenta.

Ao nos descrever a necessidade de sua viagem forçada, a protagonista reforça seu percurso como aquele “sem o conforto das referências que nos são imediatas”. Para fazer tal relato, a autora faz uso das *graphic novels*, as quais, atualmente, estão muito ligadas à autobiografia, ou melhor, à escrita de si, contando histórias que marcaram a vida dos autores e suas relações com essas histórias.

Sabendo que todo relato é subjetivo e que sempre há uma seleção dos fatos, podemos dizer que a HQ em questão é uma autoficção. Tal termo foi cunhado nos anos 1970, quando Serge Doubrovsky publicou seu livro *Fils* (1977):

Autobiografia? Não, isto é um privilégio dos importantes do mundo, no crepúsculo de suas vidas, num belo estilo. Ficção, de acontecimentos e fatos estritamente reais; se se quiser, autoficção, por ter confiado à linguagem de uma aventura à aventura da linguagem, fora da sabedoria e fora da sintaxe do romance, tradicional ou novo. Encontro, fios de palavras, aliteraões, assonâncias, dissonâncias, escrita de antes ou de depois da literatura, concreta, como se diz da música. Ou ainda: autofricção, pacientemente onanística, que espera agora compartilhar seu prazer (DUBROVSKY, 1977, p. 10).

Segundo o autor, a autoficção seria uma variante pós-moderna da autobiografia, já que a seleção de nossas memórias não é tão confiável. Para o iluminista John Locke, a identidade de uma pessoa no tempo é estabelecida pela extensão de sua consciência às memórias de suas experiências e ações passadas:

Assim, eu sei que a minha pessoa atual e a pessoa que eu era quando criança são uma mesma pessoa porque sou capaz de lembrar-me de mim mesmo enquanto criança, de minhas experiências e ações naquela época, sendo-me possível reconhecer uma sequência contínua de elos mnemônicos a ligar aquela fase da minha vida e outras posteriores, até chegar a minha experiência consciente atual (LOCKE, 1998, p. 112).

Considerando o que diz Locke (1998), de maneira bastante evidente, as memórias nas autoficções em quadrinhos são apresentadas como elos mnemônicos, em um exercício de construção da narrativa que elege certas situações em detrimento de outras. Entre tantos momentos possíveis de serem ilustrados, a autora escolhe fixar um certas situações no espaço e tempo. Em *Persépolis*, vamos perceber que esses fragmentos escolhidos parecem ter sempre como critério a relação que a personagem estabelece com o outro. Marji vai amplificando sua percepção sobre o conflito em seu país, sua família e principalmente sobre sua identidade quando um outro se coloca, se posta a sua frente. Alimentada pelo olhar do outro, Marji adquire novos comportamentos, entra em conflito com eles até encontrar sua própria identidade.

Antes de verificarmos como essa relação com o outro, que vai conduzindo a descoberta da identidade da personagem, apresenta-se no texto, vamos compreender o contexto histórico e o fio condutor que envolve a narrativa. Afinal, como nos diz Candido (2006, p. 34), para entendimento de uma obra devem ser considerados tanto os “fatores externos”, ou as condições sociais, quanto o “fator individual”, autor/biografia e a estrutura interna do texto.

Sob olhar da personagem, a revolução e o reconhecimento do “eu”

Devemos entender o tipo de viagem que será retratado nas lembranças de Marji. Como dito antes, sabemos que há dois tipos de viagens: as espontâneas e as forçadas. As duas guerras mundiais e as centenas de guerras da segunda metade do século XX multiplicaram os deslocamentos humanos forçados. A HQ analisada nos traz o olhar de Satrapi para sua experiência de uma viagem forçada, ou seja, aquela que é causada por guerras, catástrofes, epidemias e crises econômicas, acarretando, assim, os deslocamentos de populações. Em *Persépolis*, essa migração é relatada de uma maneira subjetiva, com diferentes circunstâncias singulares e com as diferentes situações, com pessoas e cenários políticos pelos quais a personagem passará.

Na história, Marjane Satrapi é uma iraniana que viveu em um país que se modificou de maneira intensa a partir de 1979, com a revolução islâmica. Em questão de meses o Irã tornou-se conservador e a repressão fez com que seu país se fechasse para o resto do mundo, levando-o para um imenso retrocesso. O texto se inicia com um resumo sobre a sociedade persa de 642 a 1979. Marji tem nove anos quando as vagas da revolução emergem para submergir o país. Vagas essas que levam os seus pais às manifestações, introduzem a política nos seus jogos de infância, libertam os prisioneiros dos calabouços do regime do Xá Pahlavi e acabam por levar à queda da monarquia.



Imagem 1: A vida de Marji antes da Revolução Iraniana

Como podemos ver na imagem acima, a protagonista desde criança é questionadora e tem grandes ambições, como ser profeta. Mas, ao mesmo tempo, a utilização do véu é algo incompreendido, já que tinha sido uma imposição de uma hora para outra e demonstra o avanço do pensamento de sua família para certas culturas de seu país.

Por meio de um vislumbre da vida e da luta de três gerações da família de Marjane, somos apresentados a uma história de ditadura, disputa por petróleo revolta, revolução e repressão. Os pais de Marji, intelec-

tuais liberais com alguns vínculos com o governo anterior à revolução, começam a perder amigos, que misteriosamente desaparecem.

Vizinhos e parentes fogem enquanto podem, pois o país fecha suas fronteiras em 1981.



Imagem 2: A personagem sente as mudanças se aproximarem

Com o início da guerra contra o Iraque, em 1980, passam pelo medo de uma bomba cair repentinamente no seu bairro. Terror e a falta de perspectiva tomam conta.

No meio dos relatos, a protagonista traz questionamentos sobre as questões sociais. Entre outras situações, a personagem conta que Mehri, a moça que trabalhava na casa dos pais de Marji, não poderia ter um relacionamento amoroso com o filho do vizinho, pois ela pertencia a uma classe social inferior a da família do garoto, o que faz com que nossa protagonista comece a olhar criticamente, mesmo dentro de sua casa, já que muitas vezes o discurso não era o mesmo da prática. Satrapi, sempre questionadora do regime em questão em que viviam, acaba incomodando muito na escola e seus pais começam a se preocupar com o que pode acontecer com ela.

Desde o começo da narrativa, percebemos que a obra analisada traz debates sobre as questões de gênero na medida em que são questionados papéis sociais definidos para a figura feminina.

Indignada com tal situação, Marji passa a noite pensando sobre tais barbaridades. No dia seguinte, seus pais a avisam sobre a necessidade da garota ir estudar na Áustria. O país tinha mais facilidades quanto à aquisição do visto e, lá, ela poderia ter a liberdade de pensamento desejada. É nesse momento que Marji descobre que fará a viagem sozinha. Na despedida, descobre que a decisão também não foi fácil aos pais. É assim que a personagem descreve sua chegada ao novo destino: “Novembro de 1984. Estou na Áustria. Cheguei pensando que ia trocar o Irã religioso por uma Europa laica e aberta, e que a Zozo, a melhor amiga da minha mãe, me amaria como filha” (SATRAPI, 2013). Porém, com problemas familiares, Zozo a instala em uma pensão de freiras, nele Marji teve que dividir o quarto com uma garota. É a primeira decepção de sua viagem e ela acontece logo



Imagem 3: Medo sobre as consequências da desobediência feminina

nos primeiros dias depois de sua chegada. Apesar da frustração, logo Marji começa a se comunicar com sua amiga de quarto, mesmo com a dificuldade da língua.

A partir desse momento, em todo percurso que Marji vai realizar, observamos aquilo que Seixo (1998) apresenta: “(...) é a manifestação do outro que leva, a posteriori, à indagação e reconstituição da identidade própria” (Seixo, 1998, p. 37). Ou seja, é por meio dessa travessia que Marji tenta encontrar seu lugar no mundo, sua realização.

Teve dificuldades para fazer amizades, mas se mostrou boa em matemática e “foi bastante solicitada”. Julie, sua colega de sala, teve interesse em conhecer Marji e, assim, ela começa a fazer amizades.



Imagem 4: A vivência na guerra como identidade

Dessa maneira, a protagonista percebe que não era tão liberal como pensava. Em seu país ela tinha um pensamento a frente, mas quando chega na Áustria percebe que tinha ideias conservadoras para aquela cultura. Marji tenta entender esse conflito cultural, até que se acostuma com ele, pois em mundos tão diversos, como estes que a nossa protagonista vive, arrumar a paz sociocultural exige concessões, é o que ela tenta fazer.

A personagem acostuma-se tanto que foge de suas raízes para se enturmar e ser aceita:



Imagem 5: A busca de aceitação pelo outro

A mentira para ser aceita era algo que a fazia se sentir culpada. Quando falava com seus pais ou ligava a televisão, caso as informações fossem sobre a guerra em seu país eram ignoradas. Por não aguentar o sentimento de culpa por seus familiares e amigos estarem lá, Marji evitava as notícias e seguia contra tudo no qual fora criada. Ou seja, a questão de fazer concessões, aceitar a cultura do outro juntamente com a sua, tentando compreender como ocorre as diversas situações com olhares diferentes, a fez ignorar a sua própria cultura, ir contra as suas raízes.



Imagem 6: Páginas mostram o conflito entre a identidade idealizada e a real

Ao perceber o que algumas pessoas pensavam sobre ela, a personagem lembra dos conselhos de sua avó e consegue libertar-se da identidade ilusória, pois sua avó sempre dizia para ela não esquecer de quem era e de onde veio. Ao perceber que ignorar a cultura na qual crescera não a faria ser aceita mais facilmente.



Imagem 7: Marji reencontra seu “eu”

É nesse momento que Marji percebe que deve manter suas origens, ela se lembra de que ainda era adolescente, ou seja, que estava em formação e transformações físicas e psicológicas. A protagonista reconhece que o olhar do outro era necessário para que ela se sentisse fazendo parte daquela cultura tão distante da sua. As apreciações de etnocentrismo e identidade são úteis para pensar em como é no contato com o outro e na avaliação da cultura alheia que o viajante se constrói. A identidade seria, assim, uma categoria relacional.

De acordo com Roberto Da Matta (1983, p. 27), “(...) cada sociedade humana conhecida é um espelho onde nossa própria existência se reflete”. Dessa maneira, quando se estudam relatos de viagens, é necessário atentar para o “universo cultural” do viajante, pois as suas observações podem apontar “mais para o âmbito cultural do próprio viajante do que para o lugar visitado, ainda que [fale] também deste” (JUNQUEIRA, 2011, p. 45). Assim, Marjane traz o olhar de uma iraniana adolescente que saiu da casa dos pais para ter um futuro livre e sem guerra, mas encontrou o conflito consigo mesma e com a cultura vigente, o que faz com tenha inúmeros sentimentos de frustração e solidão, pois não há um alicerce.

Quando sua mãe vai visitá-la, ela está morando em uma pensão na qual havia apenas rapazes homossexuais, o que causa, de início, um estranhamento em sua mãe, que traz a visão de sua cultura, mas logo se adapta.

Sua mãe trouxe uma renovação emocional e cultural para que ela continuasse os estudos e a deixou em uma pensão permanente. Quando sua mãe parte, ela deixa Marji sabendo que pertence a algo e que faz parte do mundo.



Imagem 8: A bagagem afetiva deixada pela mãe

Ao se sentir parte do mundo novamente, vemos que Marji é um sujeito que faz elemento da cultura que produz e, assim se reconhece, como podemos ver nas palavras de Gentil, estudioso de Paul Ricoeur:

O sentido do “eu-tu” também está na filosofia de Paul Ricoeur. “Si-mesmo como o outro”, título de sua obra fundamental, revela os sentidos desse outro que é essencial para a descoberta de quem somos. Segundo Hélio Salles Gentil, pesquisador do filósofo, o sujeito em Ricoeur é “[...] um sujeito justamente atravessado e constituído pela alteridade (...). Um sujeito que só pode se conhecer por meio das múltiplas mediações, principalmente pelas obras da cultural que produz e se reconhece (GENTIL, 2011, p. 9)”.

Nesse aspecto, a Marji é um sujeito de Ricoeur. Porque ela só se conhece por meio das múltiplas mediações que a atravessam.

Em seguida, a protagonista traz os relacionamentos e as decepções que teve; a primeira delas, por namorar um rapaz que se assume homossexual. Depois, se interessa por um moço que apenas queria sua ajuda nos estudos e, em seguida, por Markus, que estabelece com Marji uma relação abusiva. Markus pedia para a personagem comprar maconha sem se preocupar com sua segurança. O relacionamento também dependia financeiramente apenas dela. Para que tivessem alguma distração, Marji começou a vender drogas para ter dinheiro para os passeios. Logo parou e procurou empregos; enquanto Markus se concentrava nos estudos, a protagonista deixa os seus de lado. Marji faria uma viagem e ficaria uns dias sem ver seu namorado, mas, após perder o trem para tal viagem, resolve fazer uma surpresa a Markus. Ao chegar na casa dele, vê que ele passou a noite com uma garota, o que a deixa totalmente desestabilizada. Ele era o alicerce emocional daqueles anos e, assim, ela abandona tudo e passa a morar na rua. Aqui vemos a relação de “Eu-tu”, de Ricoeur, que é os “sentidos desse outro que é essencial para a descoberta de quem somos”. Quando esta relação se quebra, é necessário buscar as relações já existentes, então ela vai atrás de Zozo, para pedir um dinheiro que ela devia a sua mãe e, Zozo liga aos pais de Marji, a qual conversa com seus pais e resolve voltar ao seu país.

Sua volta é tão problemática quanto a sua ida, pois há a necessidade de se acostumar com a cultura local que mudara muito por causa das guerras. Outras pessoas que anteriormente eram amigas, nesse retorno, ficaram incompatíveis.



Imagem 9: A incompatibilidade com o passado

Todos esperavam grandes feitos na Europa e Marji não queria falar sobre o que vivera. Seus pais e sua avó a respeitaram. Sobre esse aspecto, Serrano nos diz que:

Se a mulher escreve de um ponto de vista mais íntimo ou confessional, a sua narrativa será considerada trivial, não se lhe atribuirá grande importância. Mas se optar por um estilo mais aventureiro, ver-se-á confrontada com acusações de que o que conta é mentira ou, no mínimo, amplamente exagerado (SERRANO, 2014, p. 40).

Marji não escolheu os pontos de vista, primeiro por se envergonhar de algumas ações que tinha feito, segundo por achar mais grave eles passarem por uma guerra, terem perdido pessoas amadas.

Adaptando-se ao seu velho-novo mundo, começa a trabalhar como professora de aeróbica. Ao sair com algumas amigas e, em uma festa, conhece Reza, os dois começam a se relacionar, estudam juntos para entrar na universidade, passam em artes visuais e, após dois anos, pensam em se casar para poderem sair juntos sem serem questionados pela sociedade e pelo regime vigente no país.

Já que mulheres e homens não podiam estar juntos sem serem parentes ou casados, o que dificultava as relações e forçava casamentos, eles se viam apenas nas casas dos pais, sem poderem fazer uma viagem ou mesmo ir ao cinema sem serem questionados. Marji que viveu parte de sua adolescência em um país no qual ela tinha a liberdade de escolhas, de ir e vir com quem ela quisesse, estava tendo dificuldade para com a cultura de seu país.

Na faculdade não era diferente, pois as aulas de anatomia eram realizadas com uma mulher que vestia o véu inteiro.

Porém os alunos faziam grupos para estudar juntos e conseguir ter um olhar para os detalhes, algo importante para os artistas. Todos eram modelos, o que deixava o professor extremamente orgulhoso da evolução e subversão de seus alunos. Pois assim, questionavam, mesmo indiretamente, a finalidade de certas situações que eram obrigados a viver.

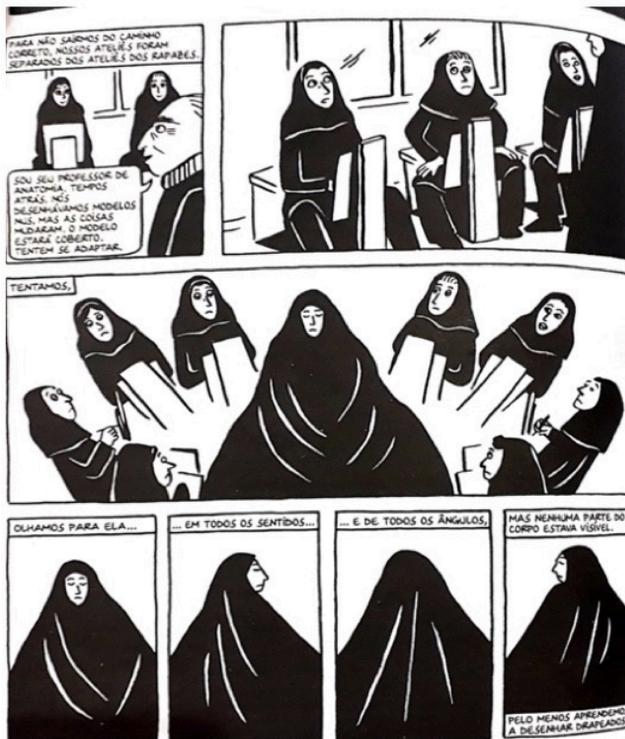


Imagem 10: Aula da anatomia na faculdade

A protagonista se casa com Reza, mas antes de se casar, precisa aceitar as condições do pai da Marji, o qual sempre teve um olhar atento para os retrocessos que seu país tinha para com as mulheres e não queria que sua filha vivesse aquela situação como mulher.

Mesmo a mãe de Marji sendo contra o casamento de sua filha – pelo mesmo motivo de seu marido – apoiou e fez a festa a partir das tradições do país.



Imagem 11: O casamento

Mas a convivência entre eles foi o que os fez se distanciarem. Estavam sempre brigando e Marji não saía da casa de seus pais e da frente da TV, já que haviam colocado antena parabólica e agora tinham uma visão ampla do mundo. Ao conversar com sua avó sobre o seu casamento, já que estava infeliz e não queria mais continuar a relação, segue o conselho dela.



Imagem 12: A decisão pelo divórcio

Após seu divórcio, Marji resolve continuar seus estudos na França, pois vê que seu país ainda vive em retrocesso em relação aos seus direitos e os direitos dos seus iguais. O outro, dessa vez representado pela avó, novamente colabora para a redescoberta do seu “eu”, podemos lembrar de Ricouer e a necessidade do outro para nos descobrirmos, ela precisou de sua avó para ter a certeza de que a sua decisão não era errada e, assim, poder concretizá-la com a aprovação do olhar do outro.

Considerações finais

Percebemos, então, que após esse tempo de aprendizado, de reconhecimento de si mesma e de si no outro, a relação com o outro nas viagens e na vida estabelecida na outra cultura há uma expansão de seu pensamento. No fechamento dessa análise, lembramos do que IANNI diz quanto ao fato de que “(...) o caminhante não é apenas um ‘eu’ em busca do ‘outro’. Com frequência é um ‘nós’ em busca dos ‘outros’. Há sempre algo de coletivo no movimento da travessia, nas inquietações, descobertas [...] dos que se encontram, [...] conflitam, mesclam...” (1990, p. 16).

Na medida em que carregamos, de alguma maneira, todos com quem temos contato, ao juntarmos essas relações com nossa carga cultural, podemos ser levados a transtornos e a apegos emocionais vazios. Mas podemos também encontrar o alicerce necessário para dar continuidade aos planos da viagem, entendida aqui também como trajetória de busca de nossa identidade. Dessa maneira, a obra em questão nos traz o olhar da protagonista sobre seu crescimento emocional, físico e psicológico, que nos faz refletir sobre as questões culturais e pessoais de cada ser.

Referências

- CANDIDO, Antonio. Introdução. In:_____. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.
- DA MATTA, Roberto. *A antropologia no quadro das ciências*. In:

_____. Relativizando: uma introdução à antropologia social. 3 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1983.

DOUBROVSKY, Serge. *Fils*. Paris: Galilée, 1977.

GENTIL, Hélio Sales. Paul Ricoeur. A presença do outro. *Mente e Cérebro*. São Paulo. n. 11, p. 7-15, 2011.

IANNI, Octavio. *A metáfora da viagem*. Cultura Vozes, São Paulo, v. 90, n. 2, p. 2-19, março/abril. 1990.

JUNQUEIRA, Mary Anne (Org.); FRANCO, Stella Maris Scatena (Org.). Cadernos de Seminários de Pesquisa (vol.II). São Paulo: USP-FFLCH-Editora Humanitas, 2011. v. 1. 129 p.

LOCKE, J. *Da identidade e da diversidade*. In: *Ensaio sobre o entendimento humano*, II.XXVII. 1998.

SATRAPI, Marjane. *Persépolis*. Trad. Pauko Werneck. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

SEIXO, Maria Alzira. *Poéticas da viagem na literatura*. Lisboa: Cosmos, 1998.

SERRANO, SÔNIA. *Mulheres Viajantes*. Lisboa: Tinta da China, 2014.